

Cenas de Desmontagem: fabulações e emancipações da ColetivA Ocupação¹

Francine Altheman²

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM- SP

Resumo

Este trabalho se propõe a observar as cenas do movimento secundarista, que começou com as ocupações de escolas em 2015 e que se desdobram até hoje, por meio da ColetivA Ocupação, grupo de teatro que une ex-secundaristas e insurgentes do movimento. Por meio do método da cena, de Rancière, a proposta é remontar algumas cenas do movimento e da ColetivA, olhando mais especificamente para o último trabalho realizado por eles, o vídeo *Desmontagem*, que faz uma espécie de retrospectiva desses anos de movimento, incluindo cenas das ocupações, de seus processos transformadores e emancipatórios. Assim, a partir dessa remontagem de cenas, é possível identificar fabulações e emancipações que ainda se perpetuam no movimento, bem como suas transformações.

Palavra-chave: Fabulações; Emancipação; Método da Cena; Narrativas de si; ColetivA Ocupação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve início, de certa forma, entre 2015 e 2016, quando comecei a estudar o movimento secundarista, que ocupou mais de 200 escolas naquele período no Estado de São Paulo. Com forte inspiração nos movimentos de resistência que estavam acontecendo no mundo, na Revolta dos Pinguins (Chile) e no próprio movimento brasileiro conhecido como Jornadas de Junho, estudantes do estado de São Paulo iniciaram um levante, que apresentava muitas das características dos mais novos movimentos sociais, como horizontalidade, apartidarismo, inspiração no novo anarquismo, ocupação do espaço público que se transforma em espaços de trocas, resistência e experimentações, além do uso criativo das redes sociais digitais e um engajamento atrelado à subjetividade e à transformação de si (Altheman, 2022).

Esse gesto político dos jovens se mostrou um espaço de experimentação, permeada por cenas, arranjos, performances, fabulações e processos emancipatórios. Nesse sentido, novas e potentes formas de legibilidade e inteligibilidade dos

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social pela UFMG, professora do curso de Jornalismo da ESPM-SP. E-mail: franaltheman@gmail.com

acontecimentos são elaboradas nessas experimentações e ocorrem rupturas de campos de experiência determinados pela regra e por dispositivos de controle.

Dessas experimentações, após o fim das ocupações, surge a *ColetivA Ocupação*, um grupo de ex-secundaristas das ocupações de 2015 que resolveu fazer da arte uma via para o seu processo de emancipação. Segundo seus próprios membros³, a *ColetivA* é uma reunião e uma revolução de corpos. Entre o final de 2017 e o início de 2018, 12 estudantes criaram e passaram a ensaiar a peça *Quando Quebra Queima*, que estreou no dia 5 de maio de 2018, na Casa do Povo, em São Paulo, e percorreu diversas cidades do Brasil e também do mundo (eles foram convidados a encenar a peça em festivais em Londres e em Paris, e também passaram por Portugal).

Eu venho acompanhando esses garotes desde a ocupação e a criação do movimento, observando suas performances e processos emancipatórios. Tal trabalho deu origem à minha tese (Altheman, 2020) e ao livro *Bololô, vamô ocupar* (2022). Naquele momento compreendi que a criação da ColetivA foi um processo de emancipação desses jovens.

Ao encenar a experiência que viveram nas ocupações, seus medos, angústias, afetos e alegrias, os ex-secundaristas mostram esse rompimento com os saberes constituídos e o quanto eles conseguiram, por meio de diversos arranjos disposicionais, escapar dos poderes dominantes, construindo um novo sujeito coletivo, um verdadeiro devir-revolucionário, que se perpetua no teatro (Altheman, 2022, p. 287).

O processo de fabulação e emancipação desses jovens ainda não está esgotado. Recentemente, em 23 de maio de 2025, eles lançaram o vídeo *Desmontagem*, que faz uma espécie de homenagem a todo o processo que levou à sua união como artistas insurgentes. Assim, a partir do vídeo, o objetivo deste trabalho é observar se as fabulações e subjetividades, que foram tão presentes na criação do movimento, ainda estão permeando os processos comunicativos que envolvem os insurgentes. Retomando o método da cena, de Rancière (2016, 2018, 2021), pretendo reconstituir esse percurso emancipatório do movimento, trazendo para a cena as angústias, os afetos e as alegrias performadas por esses estudantes.

³ ColetivA Ocupação (Página do Facebook). Disponível em: <<https://www.facebook.com/coletivaocupacao>>. Acesso em 22/05/2025.

O MÉTODO DA CENA

Para compreender o método da cena, primeiramente é preciso partir da premissa de que o pesquisador é quem monta as cenas, por meio de diversas cenas identificadas nos acontecimentos, em uma descontinuidade temporal e sensível, em um corte no tempo uniforme e nos modos naturalizados de percepção, que permitem outra apresentação da legibilidade política dos sujeitos e dos corpos. É o pesquisador que evidencia como a transformação promovida pela cena não é radical ou imediata, mas permite a identificação de singularidades por meio das quais se pode pensar em uma série de mudanças possíveis de ocorrerem a longo prazo. (Altheman, 2024). “A cena, sou eu que a constituo” (Rancière, 2021, p. 86).

Assim, o pesquisador traça uma articulação e elabora uma montagem entre grandes acontecimentos e uma multiplicidade de microacontecimentos sensíveis (entre eles a transformação do olhar), que “expõem as diferentes formas como uma mesma coisa pode ser percebida, configurando um momento no qual as coisas podem vacilar, ser sacudidas” (Rancière, 2018, p. 31).

Não é uma descrição dos acontecimentos, mas sim um processo que observa as cenas dentro de cenas, pelas teias discursivas que vão se entrelaçando, pelas perspectivas dos documentos e narrativas utilizados para essa fabulação, pelas falas e textos dos atores envolvidos nesse movimento e pela própria perspectiva do pesquisador. “Ou seja, é uma rede de feixes discursivos e comunicacionais que se entrelaçam na reconstrução da cena, que se liga automaticamente ao método da igualdade” (Altheman, 2024, p. 468).

Nesse caso, as cenas serão observadas a partir das gravações dos sujeitos envolvidos, que foram compiladas no vídeo *Desmontagem* (2025), bem como as cenas, narrativas e performances reunidas ao longo desses anos de pesquisa em torno desse objeto.

FABULAÇÕES E EMANCIPAÇÕES EM DESMONTAGEM

Para compor as cenas dissensuais em torno do movimento secundarista, mais especificamente no contexto atual, quase 10 anos após o estopim do movimento, eu inicio observando as narrativas dos jovens, como eles se narram.

É um processo de “relatar a si mesmo” (BUTLER, 2015) em que está envolvida a emancipação de cada um, uma construção de subjetividade, um processo de devir-outro, já que eles passaram por várias transformações ao longo desses anos. Quando narram a si mesmos, deixam claro que conseguiram retirar de dentro da condição de sujeição à norma (na qual sempre estamos imersos, uma vez que nelas somos forjados), arranjos e agenciamentos capazes de orientar um levante. O relato é, assim, uma ação de autotransformação, autorreflexão e autocriação, que reconfigura os sentidos discursivos de quem fala.

Vejamos algumas dessas falas⁴ que se intercalam durante o vídeo *Desmontagem* (2025).

Eu estava com muito medo, mas a minha coragem era maior que o meu medo.

Se a resposta não for revolta, eu prefiro nem responder.

Estamos em luta.

Ocupação é sobre mudança, então assim que eu ocupei a escola, eu senti essa mudança.

No começo, as cadeiras eram indivíduos. E agora as cadeiras são um coro, uma barricada, um corpo só.

Pode-se notar que o gesto de relatar a si mesmo durante o vídeo (BUTLER, 2015) produz um sujeito que enuncia sua dor, sua experiência transformadora, em uma dimensão subjetiva e de individuação dos ex-secundaristas. A narrativa de si também se mostra quando alguns deles se apresentam e dizem de onde vem.

Letícia, de Taboão da Serra.

Ícaro, eu vim do céu.

Eu venho da Bahia.

Akim, do centro de São Paulo.

Meu nome é Marcela, e eu sou bonita pra caramba.

Mel, da barriga da minha mãe.

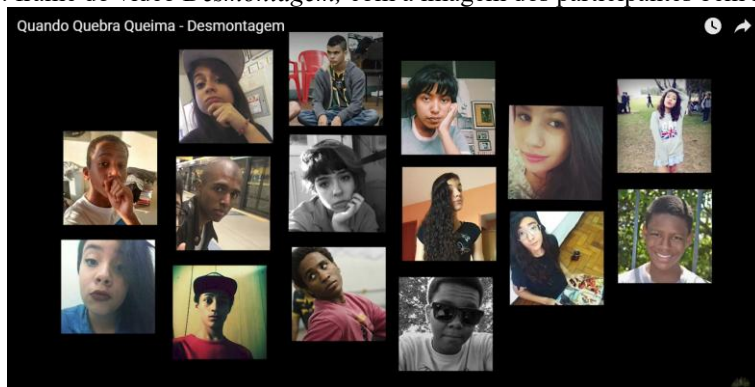
Matheus, da Terra.

A identidade desses jovens pode estar associada a um lugar (Taboão da Serra ou Bahia), mas também se mostra em suas emancipações, ao se narrar “bonita pra caramba” ou “vindo do céu”. É a experiência narrativizada, fabulada, que provoca transformações nos modos de sentir dos sujeitos, e isso se evidencia no modo de se apresentar.

⁴ No vídeo, não é possível identificar quem disse cada fala. Sabe-se que foram as meninas e os meninos que fazem parte da Coletiva Ocupação, mas, propositalmente, as falas não são identificadas.

Essa narrativa de si está ainda interligada com a imagem dos ex-secundaristas ainda mais jovens, entrando na adolescência, que surge no vídeo. A imagem completa o sentido transformativo desse movimento para esses jovens.

Imagem 1: frame do vídeo *Desmontagem*, com a imagem dos participantes bem mais jovens



Fonte: *Desmontagem* (2025).

Outras cenas que vou mobilizar nesse estudo são as imagens, especialmente aquelas que retomam os gritos de guerra e as performances da ocupação (barricadas, trancaços, pular o muro), pois essas imagens definem seus processos de transformação ao longo do movimento secundarista.

Imagem 2: frames do vídeo *Desmontagem*, evidenciando simbologias do movimento secundarista





Fonte: *Desmontagem* (2025).

Por meio da representação e da performance, os estudantes viveram uma emancipação secundarista, descobrindo suas transformações individuais ao mesmo tempo em que desenvolviam um projeto coletivo que mantém viva a insurgência secundarista. A imagem insurgente carrega o lastro da realidade, expõe o risco real, o discurso verdadeiro, a precariedade, pois nasce no calor do momento (Altheman, 2022). Nesse contexto, como ressalta Deleuze (2013), o acontecimento é o próprio sentido e evoca seu direito político de existir e de resistir. Ao mesmo tempo, é uma potencialidade coletiva, é uma potência insurgente, que une ainda mais o grupo de secundaristas.

Por fim, olho para as cenas em torno dos cabelos dos jovens secundaristas. No artigo *Emancipações comunicativas, políticas e estéticas na articulação de corporeidades negras em torno do movimento secundarista*, publicado em 2022 na revista *Mídia e Cotidiano*, eu e Ângela Marques já havíamos observado como o processo de emancipação ocorre também nas transformações em torno dos cabelos dos secundaristas.

É comum que questões físicas, como cabelo e rosto, sejam questões complexas no movimento negro (COLLINS, 2019). O cabelo, por exemplo, é um dispositivo de empoderamento importante, tendo em vista que muitos negros passam pelo processo conhecido como transição capilar: não gostam de seu cabelo, alvo de “brincadeiras” preconceituosas e xingamentos, mas, ao se transformarem, costumam abandonar as tentativas de mudar o cabelo (Altheman e Marques, 2022, p. 146).

Embora as questões em torno dos cabelos dos jovens continuem a aparecer em suas narrativas, é possível perceber um processo emancipatório amadurecido nas cenas do vídeo *Desmontagem* (2025). Um dos jovens fala: “No último dia da ocupação, a gente resolveu pintar nossos cabelos. A gente respeita muito os nossos cabelos. A gente respeitava muito as nossas raízes, porque a gente acredita que os nossos cabelos são o

maior símbolo de nossa ancestralidade”. Durante boa parte do vídeo, todas e todos os jovens aparecem em telas, como se estivessem reunidos remotamente, por meio de um chat on-line. Eles se revezam nessa tela, tocando, tateando, bagunçando seus cabelos. Enquanto isso, palavras que representam seus cabelos são entoadas ao longo do vídeo.

Imagem 3: frame do vídeo *Desmontagem* de um dos momentos em que os jovens tateiam seus cabelos



Fonte: *Desmontagem* (2025).

Palavras entoadas durante o vídeo (na ordem em que elas são narradas):

Rosa, Azul, Amarelo, Preto, Vermelho, Roxo, Rosa, Preto, Crespo, Cacheado, Comprido, Branco, Loiro, Verde, Raspado, Crespo, Rosa, Liso, Cacheado, Amarelo, Curto, Vermelho, Nuca, Revolta, Paixão, Cacheado, Festa, Revolução, Ondulado, Multidão, Axé, Celebração.

Apesar de nem todas as palavras entoadas parecerem se referir a cabelos, todas elas representam, na verdade, os sentimentos que envolvem os cabelos dos ex-secundaristas e como eles se libertaram de amarras que antes os limitavam. É um processo de transformação de si que passa por uma certa ruptura com o sistema imposto sobre as minorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cena de dissenso é a expressão do processo construção de uma racionalidade sensível, de uma intriga que permite a emergência de uma fabulação, que pode (ou não) encontrar nos movimentos de resistência o lugar de um desenvolvimento e desdobramento. Assim, as cenas – que se iniciam nos acontecimentos em 2015 e tem seus desdobramentos até hoje, com o vídeo *Desmontagem* – não são necessariamente

antagônicas, mas podem se complementar. A cena de dissenso apresenta uma teatralidade inerente, como reconhece Rancière.

O que se observa ao remontar as cenas secundaristas é que essa experiência transgressora tem um valor importante nas descontinuidades coletivas ou individuais desses jovens, pois promove rupturas históricas, alteradoras e transformadoras. Talvez não haja alternância, a princípio, nos modos de poder, mas existem mudanças significativas nos modos de saber, no pertencimento a um grupo ou identificação, nas ligações de afetos e vidas, nos vínculos que se formam, nos descobrimentos do corpo e das identidades, como vemos nesses jovens quase 10 anos depois.

Referências

ALTHEMAN, Francine. **Cenas de dissenso, arranjos posicionais e experiências insurgentes**: processos comunicativos e políticos em torno da resistência de estudantes secundaristas. Orientadora: Ângela Cristina Salgueiro Marques. 2020. 390 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

ALTHEMAN, Francine. **Bololô, vamô ocupar**. Processos comunicativos, arranjos e cenas de dissenso da resistência secundarista. Curitiba: Appris, 2022.

ALTHEMAN, Francine. Cenas, fabulações e bricolagens: uma aposta teórico-metodológica descolonizadora para pesquisas em Comunicação. **Comunicação, Mídia e Consumo**. V. 21, N. 62, p. 462-486, 2024.

ALTHEMAN, F; MARQUES, Ângela C. S. Emancipações comunicativas, políticas e estéticas na articulação de corporeidades negras em torno do movimento secundarista. **Mídia e Cotidiano**. V. 16, N. 3, p. 135-158, 2022.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte (MG): Autêntica Editora, 2015.

COLETIVA Ocupação. Quando Quebra Queima – Desmontagem. YouTube, 23 de maio de 2025. [28min39s]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lnJxW0YOXsw&t=10s>. Acesso em: 15 de junho de 2025.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **The method of equality**. Interviews with Laurent Jeanpierre and Dork Zabunyan. Cambridge: Polity Press, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **Le méthode de la scène**. Entretien avec Adnen Jdey. Paris: Lignes, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **O método da cena**. Entrevista a Adnen Jdey. Belo Horizonte (MG): Quixote Do, 2021.